

Rota Histórica

O Porto, povoado antigo que deu nome a Portugal, foi construído à cota alta em torno do Morro da Sé e à cota baixa como porto de rio. Depois do domínio muçulmano, foi repovoado por Vimara Peres (n.º 90), dando-se início a um período de crescimento e afirmação. Na Praça da Batalha encontramos o primeiro monumento escultórico concebido para um espaço público, homenagem a Dom Pedro V (n.º 69), cujo reinado foi marcado pelo desenvolvimento económico, que reforçou a ideia do Porto como uma cidade de trabalho, noção também presente no alçado do Cinema Batalha (n.º 68). Na Praça da Liberdade impõe-se O Porto (n.º 98), concebido para encimar os antigos Paços de Concelho da cidade onde Dom Pedro IV (n.º 100) defendeu, num duro cerco (1832-1833), a Carta Constitucional que outorgara ao país. Subindo até à Praça de Carlos Alberto, relembram-se os combatentes da I Guerra Mundial (n.º 121) que lutaram no norte da Europa e na então África Portuguesa. Prosseguindo em direção ao antigo Campo de Santo Ovídio, encontramos a homenagem à República (n.º 106) que dá hoje nome à praça, monumento erguido em 2011, no 120.º aniversário da primeira tentativa de implantação da República no Porto. Descendo a Rua da Boavista, eleva-se ao fundo o Monumento aos Heróis das Guerras Peninsulares (n.º 172), com a água napoleónica dominada pelo leão luso-britânico, num dos momentos mais importantes da história europeia. Adiante, no ângulo das avenidas da Boavista e Marechal Gomes da Costa, levanta-se um memorial aos empresários do Porto (n.º 180), simbolizando o desenvolvimento e cosmopolitismo da cidade. Finalmente, nos jardins de Serralves, marca-se a contemporaneidade numa colhe de jardineiro moldada em escala gigante (n.º 202), legado do Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura.

90. VIMARA PERES, 1968
BARATA FEYO (1899-1990)
Calçada da Vandonga, G4
Bronze e granito

69. DOM PEDRO V, 1862-1864
J. J. TEIXEIRA LOPES (1837-1918) A. ALMEIDA DA COSTA (1832-1915)
Praça da Batalha, G4
Bronze e pedra de loz

68. SEM TÍTULO, 1947
AMÉRICO BRAGA (1869-1991)
Cinema Batalha, Praça da Batalha, G4
Cimento

98. O PORTO, 1818
JOÃO ALLÃO (?-1837)
Praça da Liberdade, G3
Granito

106. DOM PEDRO IV, 1862-1866
ANATOLE CALMELS (1822-1906)
Praça da Liberdade, G4
Bronze e pedra de loz

121. MONUMENTO AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA, 1928
HENRIQUE MOREIRA (1893-1979), escultura
MANUEL MARQUES (1890-1956), arquitetura
Praça de Carlos Alberto, F3
Mármore e bronze

172. MONUMENTO AOS HERÓIS DAS GUERRAS PENINSULARES, 1909-1952
MARQUES DA SILVA (1869-1947), ALVES DE SOUSA (1884-1922), MARIA JOSÉ MARQUES DA SILVA (1914-1996), DAVID MOREIRA DA SILVA (1903-2002), HENRIQUE MOREIRA (1890-1979), SOUSA CALDAS (1894-1965)
Praça de Mouzinho de Albuquerque, E2
Bronze e granito

198. MONUMENTO AO EMPRESÁRIO, 1992
JOSÉ RODRIGUES (1935-2016)
Avenida do Marechal Gomes da Costa e Avenida da Boavista, C2
Granito, mármore, betão e vidro

202. PLANTOIR [COLHER DE JARDINEIRO], 2001
CLAES THURE OLDENBURG (1929-), OODSTE VAN BRUGGEN (1942-2009)
Jardim da Casa de Serralves, Fundação de Serralves, Rua de Dom João de Castro, n.º 210, C2
Aço inoxidável, alumínio, fibra de vidro, esmalte acrílico

Rota da Água

A ligação do Porto com a água está logo patente no nome da cidade. Nascida debruçada sobre o Douro, a cidade cresceu junto ao rio e prolongou-se para lá da barra até se confrontar com a imensidão oceânica do Atlântico, ocupando um território ribeirão cruzado por pequenos cursos de água muitas vezes conduzidos para fontes, tanques e chafarizes. Começa o percurso proposto na antiga Quinta do Wright, atual sede das Águas do Porto, numa escultura de Julião Sarmento, figura feminina sobre um espelho de água (n.º 11). Passa junto à Sé pela obra Sobre a Água de Alberto Carneiro (n.º 85), em que suas colunas foram gravados sulcos que sugerem escorências provenientes do interior. Em seguida, descendo ao rio, é lembrada a tragédia da Ponte das Barcas, em 1809, quando milhares de portugueses morreram tentando cruzar o Douro para fugir às tropas francesas (n.º 101 e n.º 102). E porque a água também é memória revisitada, foi reconstituído um antigo chafariz, que a arqueologia desvendou e ao qual o engenho acrescentou O Cubo (n.º 112), ligando harmoniosamente tradição e contemporaneidade. Evocam-se também nesta rota os Descobrimentos portugueses, protagonizados por príncipes e navegadores (n.º 117), e a participação esforçada dos portugueses na construção, aprovisionamento e tripulação das embarcações que cruzaram os oceanos (n.º 195). O Homem do Leme simboliza o traço marítimo da cidade fluvial e marítima (n.º 217) e junto ao Castelo do Queijo a estátua equestre de D. João VI (n.º 219) aponta para o mar. E ainda a ligação ao mar e à pesca que simboliza a grande rede com que a rota termina (n.º 218).

11. SELF-PORTRAIT AS A FOUNTAIN (PAT CHANCE BRUCE NAUMAN), 2017
JULIAO SARMENTO (1948-)
Águas do Porto, Rua do Barão de Nova Sintra, n.º 285, H11
Bronze, latão e água

85. SOBRE A ÁGUA, 1993
ALBERTO CARNEIRO (1937-2017)
Casa da Rua de Dom Hugo, Rua de Dom Hugo, n.º 5, G4
Granito

101. ALMINHAS DA PONTE, 1897
J. J. TEIXEIRA LOPES (1837-1918)
Casa da Ribeira, G4
Bronze, granito e ferro forjado

102. MONUMENTO EVOCATIVO DO DESASTRE DA PONTE DAS BARCAS, 2009
EDUARDO SOUTO DE MOURA (1952-)
Casa da Ribeira, G4
Aço corten

112. O CUBO, 1982
JOSE RODRIGUES (1935-2016)
Praça da Ribeira, F4
Bronze e granito

117. MONUMENTO AO INFANTE DOM HENRIQUE, 1894-1900
TOMÁS COSTA (1861-1932)
Praça do Infante Dom Henrique, F4
Bronze e pedra de loz

195. PELA GREI – MONUMENTO AOS TRÍPEIROS, 1949
LAGOIA HENRIQUES (1923-2009), escultura, VASCO MENDES (1927-1964), LUIS CUNHA (1933-), arranjo urbano
Jardim do Cubo, Praça de António Caldeira, C3
Bronze e granito

217. HOMEM DO LEME, 1934-1938
AMÉRICO GOMES (1889-1964), escultura, MANUEL MARQUES (1890-1956), base
Avenida de Montevideo, A2
Bronze e granito

219. DOM JOÃO VI, 1966
BARATA FEYO (1899-1990), escultura, SOLA-MORALES (1939-2012), pedestal
Praça de Gonçalves Zarco, A1
Bronze e betão

218. SHE CHANGES, 2005
JANET ECHELMAN (1966-)
Praça da Cidade do São Salvador, A2
Ferro e fibra

Rota das Letras

O Porto é terra de poetas, romancistas, dramaturgos, pensadores, ensaístas. A cidade tem sabido homenagear os seus escritores, dedicando-lhes muitas das suas obras de Arte Pública. Esta rota parte de Guerra Junqueiro (n.º 91), autor d'A Velhice do Padre Eterno e d'Os Simples, para encontrar depois Arnaldo Gama (n.º 75), autor de romances históricos situados no Porto. Mais adiante, Camilo (n.º 20), cuja obra percorre as ruas da cidade, de Monchique à Rua das Flores, de São Lázaro à Cadeia da Relação, com personagens com vidas paralelas à sua e às dos seus contemporâneos. Depois, Garrett (n.º 87), pai do romantismo literário português, do Teatro Nacional, cuja obra marcou e fixou a Língua Portuguesa. No jardim da Cordoaria, numa postura austera, Ramalho Ortigão (n.º 123), escritor e jornalista, de espírito crítico e polémico. E ali perto, junto ao Hospital e à antiga Escola Médica, Júlio Dinis (n.º 130), autor de um Porto de ingleses, brasileiros de torna-viagem e portugueses de sempre, e Abel Salazar (n.º 135), figura multifacetada da cultura portuguesa do século XX, médico, professor, pintor e prosador. Contemporâneo deste último, Leonardo Coimbra (n.º 147), filósofo que fundou as Universidades Populares e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Segue-se, na rota proposta, Carolina Michaëlis (n.º 144), primeira mulher a lecionar na Universidade de Coimbra e ilustre filóloga da Língua Portuguesa. A rota termina com Eugénio de Andrade (n.º 128), poeta com uma ligação intensa ao Porto, cidade que tão bem espelhou na sua lírica.

91. GUERRA JUNQUEIRO, 1970
LEOPOLDO DE ALMEIDA (1898-1975)
Jardim da Casa Museu Guerra Junqueiro, G4
Rua de Dom Hugo, n.º 32
Bronze e granito

75. ARNALDO GAMA, 1971
ROGERIO AZEVEDO (1928-)
Jardim de Arnaldo Gama, G4
Bronze e granito

20. CAMILO, 1925
HENRIQUE MOREIRA (1890-1979)
Avenida de Camilo, H3
Bronze e mármore

87. ALMEIDA GARRETT, 1954
BARATA FEYO (1899-1990)
Praça do General Humberto Delgado, H3
Bronze e granito

123. RAMALHO ORTIGÃO, 1954
LEOPOLDO DE ALMEIDA (1898-1975)
Jardim de João Chagas (Jardim da Cordoaria), F4
Mármore e granito

130. JÚLIO DINIS, 1926
JOÃO DA SILVA (1888-1960)
Largo do Professor Abel Salazar, F3
Bronze e granito

135. ABEL SALAZAR, 2009
HELDER CARVALHO (1954-), escultura, VASCO MORAIS SOARES (1940-), base
Jardim de Carrilho Vieira (Jardim do Carregal), F3
Bronze e granito

147. LEONARDO COIMBRA, 1983
ANTONIO SANTOS (1912-1988)
Largo de Pedro Nunes, F3
Bronze e granito

144. CAROLINA MICHAËLIS, 1954
SOUSA CALDAS (1894-1965)
Escola Secundária Carolina Michaëlis, F2
Bronze e granito

128. EUGÉNIO DE ANDRADE, 2006
PAULO NEVES (1959-)
Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da Câmara Municipal do Porto, Rua de Alves Redol, n.º 292, F2
Mármore

Rota Escola das Belas Artes

Começou por ser Aula de Desenho e Debuxo (1780), tendo depois evoluído para Academia de Belas Artes (1836), sendo o seu objeto o estudo da Pintura, Escultura, Arquitetura e Desenho. Constituiu o núcleo fundador da Escola de Belas-Artes do Porto (1881), que mais tarde veio a ser Escola Superior (1959), a hoje a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (1995). Aqui se formaram grandes artistas, alguns deles mestres de tantos outros, e muitas das suas melhores obras permanecem até hoje, em sua memória, nos jardins e pavilhões da Faculdade. Entre esses artistas destacam-se Soares dos Reis (n.º 41) e o seu discípulo Teixeira Lopes (n.º 40), e na geração seguinte à das-tes Henrique Moreira, Leopoldo de Almeida e Barata Feyo (n.º 44), que viria a ser mestre de Gustavo Bastos (n.º 48) e Lagoa Henriques (n.º 43). De uma nova geração, Armando Alves, Irene Vilar, Alberto Carneiro e José Rodrigues (n.º 42), sendo este último aquele que maior número de obras deixou no Porto. Partindo de Belas Artes, a obra destes escultores espalha-se pela cidade. No Jardim de São Lázaro, Soares dos Reis, Henrique Moreira e outros. Subindo a Rua de D. João IV, Sousa Caldas (n.º 58), com uma obra na fachada da antiga Escola de Artes de Soares dos Reis, antecâmara liceal para quem queria seguir Belas Artes. No Jardim de Paulo Vallada destacam-se as obras de Carlos Marques (n.º 24) e Zulmira de Carvalho (n.º 22), que conjugam sabiamente formas e materiais. Por fim, no Terreiro da Sé, Fernando Tavora reinterpreta a Antiga Casa da Câmara (n.º 185) numa obra de arquitetura etnia aos valores plásticos próprios da escultura, inserindo-se na melhor tradição de meados do século passado, quando nas Belas Artes se incluía ainda a Arquitetura e arquitetos e escultores trabalhavam em colaboração na valorização das suas obras.

41. MODELO FEMININO, 1865
SOARES DOS REIS (1847-1889)
Fac. de Belas Artes da UP, G4
Bronze

40. SOARES DOS REIS, 1904
A. TEIXEIRA LOPES (1866-1942)
Fac. de Belas Artes da UP, G4
Bronze

44. O PESCADOR, 1948
BARATA FEYO (1899-1990)
Fac. de Belas Artes da UP, G4
Bronze

48. O REPOUSO, 1953
GUSTAVO BASTOS (1928-2014)
Fac. de Belas Artes da UP, G4
Cimento

43. LÍRICA, 1954
LAGOA HENRIQUES (1923-2009)
Fac. de Belas Artes da UP, G4
Cimento

42. GUARDADOR DE SOL, 1943
JOSÉ RODRIGUES (1936-2016)
Fac. de Belas Artes da UP, G4
Bronze

58. BAIXO-RELEVO, 1955
SOUSA CALDAS (1894-1965)
Antiga Escola Secundária de Soares dos Reis, Rua de Dom João IV, Rua da Fátima, G3
Granito

24. SEM TÍTULO, 1985
CARLOS MARQUES (1946-)
Jardim de Paulo Vallada, H3
Granito e ferro

22. SEM TÍTULO, 1985
ZULMIRA DE CARVALHO (1940-)
Jardim de Paulo Vallada, H3
Granito

105. ANTIGA CASA DA CÂMARA, 2002
FERNANDO TAVORA (1923-2005)
Terreiro da Sé, Rua da Penitentes, G4
Granito e vidro

Rota de Arte Contemporânea

Nas últimas décadas a cidade continuou a ser enriquecida com obras de arte instaladas em espaços exteriores e visitáveis. Nos jardins de Serralves destacamos Walking is Measuring (n.º 203), obra minimalista de um dos expoentes máximos da arte contemporânea norte-americana, integrada no acervo do Museu de Serralves, projetado por Álvaro Siza. Prémio Pritzker em 1992. Quase vinte anos depois outro português foi laureado com o mesmo prémio, Souto de Moura, autor do edifício Burgo na Avenida da Boavista, onde surge a grande escultura em chapa pintada de Ângelo de Sousa (n.º 189). Na mesma avenida, a estrutura multicromática de linhas ortogonais de Pedro Cabrita Reis (n.º 180) transfigura-se pela noite com a sua iluminação. Na Cordoaria encontramos Treze a Rir Uns dos Outros (n.º 129) do madrileño Juan Muñoz, a assinalar a memória do Porto 2001. Em 2014, o vereador da Cultura Paulo Cunha e Silva delineou o Programa de Arte Pública, tendo por objetivo central a criação de um museu ao ar livre. Incluem-se neste programa as obras Kneaded Memory (n.º 83) e Dead End (n.º 84), junto à estação de São Bento, a escultura em bronze de Rui Chafes (n.º 114) na fachada do Museu da Misericórdia e em diálogo direto com a obra flamenga Fons Vitas, e a última obra de Alberto Carneiro (n.º 115), escultor da natureza, concebida especificamente para o Largo de São Domingos. Em direção ao rio, no extremo nascente do túnel da Ribeira, impõe-se o magnífico painel de Júlio Resende (n.º 92), homenagem ao Porto e a paisagem ribeirinha. A isto, junta-se Fernando Lanhas (n.º 93), com o painel cerâmico (oferecido) À Cidade, pensado nos anos 30, mas apenas inaugurado em 2015 dando início ao referido Programa.

203. WALKING IS MEASURING (CAMINHAR É MEDIR), 2009
RICHARD SERRA (1939-)
Jardim da Casa de Serralves, Fundação de Serralves, Rua de Dom João de Castro, n.º 210, C2
Aço corten

189. SEM TÍTULO, 2007
ÂNGELO DE SOUSA (1938-2011)
Edifício Burgo, Avenida da Boavista, n.º 1837, D2
Chapa metálica

180. PALÁCIO, 2005
CABRITA REIS (1956-)
Avenida da Boavista, n.º 1269, D2
Fibra de vidro

129. TREZE A RIR UNS DOS OUTROS, 2001
JUAN MUÑOZ (1953-2001)
Jardim de João Chagas (Jardim da Cordoaria), F4
Bronze e aço corten

83. KNEADED MEMORY, MEMÓRIA AMASSADA (2 OBRAS), 2004-2015
DALILA GONÇALVES (1962-)
Praça de Almeida Garrett e Avenida de Dom Afonso Henriques, G4
Bólão e cerâmicas

92. RIBEIRA NEGRA, 1984-1986
JULIO RESENDE (1917-2011)
Rua da Ribeira Negra, G4
Grelha

93. À CIDADE, 1993-2015
FERNANDO LANHAS (1923-2012)
Rua da Ribeira Negra, G4
Painel cerâmico

84. DEAD END#15, 2015
JOÃO LOURO (1963-)
Avenida de Dom Afonso Henriques, G4
Alumínio e vinil

114. O MEU SANGUE É O VOSSO SANGUE, 2015
RUI CHAFES (1966-)
Rua das Flores, 15, F4
Bronze

115. TRÊS TEMPORES DE ARVORE PARA UMA ARVORE VERDADEIRA, 2017
ALBERTO CARNEIRO (1937-2017)
Largo de São Domingos, F4
Granito e árvore natural

